Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

O HOMEM E A MORTE NA FILOSOFIA DE KARL JASPERS

MAN AND DEATH IN THE PHILOSOPHY OF KARL JASPERS

Félix Adriano dos Santos
Bacharel em Filosofia, Faculdade São Basílio Magno, FASBAM, Brasil.
fedrino27@gmail.com

Gabriel Antonio Ogaya Joerke
Doutorando em Sociologia, IUPERJ/UCAM, Brasil.
gabriel.joerke@gmail.com

Marcelo Máximo Purificação
Doutor em Ciências da Religião, PUC Goiás, Brasil.
maximo@unifimes.edu.br

Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra
Doutorando em Ciência, Tecnologia e Sociedade, UFSCar, Brasil.
avaete@estudante.ufscar.br

Renan Antônio da Silva
Doutor em Educação Escolar, UNESP, Brasil.
renan@ufscar.br

Orivaldo da Silva Lacerda Júnior
Doutorado em Química, UFAM, Brasil.
lacerdajuniorlll@gmail.com

Diógenes Vale de Oliveira
Licenciatura em Filosofia, ICSH, Brasil.
profdiogenesvale@gmail.com

Submetido: 08/03/2025 – Aceito: 25/03/2025

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

RESUMO: O ser humano vive, ciente de sua mortalidade. A efemeridade da vida constitui uma informação incisiva acerca da existência do indivíduo, desde sua própria concepção. Embora essa constatação seja aplicável em termos universais, cada indivíduo apresenta uma maneira única de enfrentar a morte. Aceitar ou rejeitar essa realidade e viver sob a perspectiva da finitude é uma decisão pessoal, que deve ser exercida na liberdade de cada um; no entanto, tal escolha acarretará consequências significativas. O presente artigo, utilizando a metodologia de estudo bibliográfico, tem como objetivo provocar os leitores a refletirem sobre a busca por uma morte digna e o anseio pela eternidade. Ademais, este texto representa apenas um esboço inicial de um possível estudo que se propõe a ser bastante enriquecedor e profundo para aqueles que desejam explorar mais sobre a concepção da morte segundo Karl Jaspers. Em conclusão, este projeto almejou traçar caminhos reflexivos em Karl Jaspers, com o intuito de que nós, seres mortais, não nos apeguemos à vida de forma exacerbada, mas tampouco consideremos a morte como inimiga.

Palavras-chave: Morte. Karl Jaspers. Filosofia.

ABSTRACT: Human beings live aware of their mortality. The ephemerality of life constitutes incisive information about the existence of the individual, from its very conception. Although this observation is applicable in universal terms, each individual has a unique way of facing death. Accepting or rejecting this reality and living under the perspective of finitude is a personal decision, which must be exercised in the freedom of each one; however, such a choice will have significant consequences. This article, using the methodology of bibliographic study, aims to provoke readers to reflect on the search for a dignified death and the longing for eternity. Furthermore, this text represents only an initial outline of a possible study that aims to be quite enriching and profound for those who wish to explore more about the conception of death according to Karl Jaspers. In conclusion, this project aimed to trace reflective paths in Karl Jaspers, with the intention that we, mortal beings, do not cling to life in an exacerbated way, but neither do we consider death as an enemy.

Keywords: Death. Karl Jaspers. Philosophy.

INTRODUÇÃO

O homem vive, mas sabe que morrerá. A brevidade da vida é informação contundente à existência do ser, desde mesmo a sua concepção. Embora essa aferição seja válida universalmente, na singularidade de cada um, a forma de lidar em relação à morte é distinta. Aceitá-la ou não, viver fundamentado na finitude é

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

escolha pessoal, na liberdade de cada um, mas essa escolha gerará consequências drásticas.

Podendo ter-nos utilizado da temática do Trabalho de Conclusão de Curso deste ano para a realização deste presente trabalho, optamos por não utilizar, aderindo assim ao desejo de aprofundar acerca da filosofia de *Karl Jaspers*, trabalho em nossas aulas de Filosofia Contemporânea II, no tocante à temática da morte.

Embora a morte seja, para muitos, horripilante de se pensar, tendo até mesmo muitos que sequer tocam no assunto, para mim – particularmente -, sempre foi algo que despertou interesse devido à sua profundidade.

Sendo assim, em nosso **Primeiro Capítulo** falamos um pouco na perspectiva do indivíduo, do homem, perpassando assim, em uma via antropológica. Se alguém morre, é porque tem vida, e esse alguém, para nós, neste momento, consiste no homem.

Assim como a morte, o homem também é mistério. Embora tenha dimensões que não se conheça, se faz necessário procurar o máximo possível de um autoconhecimento. Apenas conhecendo-se a si mesmo é que o indivíduo conseguirá atingir uma reflexão total de sua existência.

No entanto, o homem que se conhece, conhece-se limitado. Limitado porque é criatura. Desta maneira, é preciso sair do conhecimento de si, para um conhecimento que lhe transcende, que se vela e se desvela, apenas relacionando-se com o Eterno, o homem consegue viver em busca da eternidade.

No **Segundo Capítulo** falamos da morte propriamente. Sendo ela, como dito, a única certeza do homem ao viver. Para que consiga acolhê-la e compreendê-la, o ser racional também necessita de ser amigo da morte. Somente assim alcançará a compreensão da imortalidade, que existe, e compreenderá a morte como meio e não como fim.

Conviver com a temporalidade é atividade praticável para todos os seres. Ora, nós estamos na temporalidade, inseridos no *devir* da existência. Entretanto, para que

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

consigamos abraçar a morte é preciso que reconheçamos a temporalidade como limitada, pois o nosso anseio deve ser a atemporalidade, isto é, a eternidade.

O homem que vive segundo a eternidade, almejando-a, reconhece-se finito nesta terra e infinito para a vida que há de vir. Sendo assim, tem esperança e a sua angústia existencial é amena porque acredita em algo que está para além dele. Pelo contrário, àqueles que escolhem por não ter a eternidade como meta, possuem uma lacuna interior, um vazio existencial, que se alastra com o entardecer da vida. A escolha é de cada um.

Portanto, vemos como as *situações-limites* em Jaspers é bastante pertinente e interessante a nós. Todo ser humano perpassa por momentos de dores e gozo em sua existência. A situação-limite da morte, por exemplo, é algo presente em todos nós, de forma universal, independente de cultura, raça, credo, etnias etc.

Anseio por instigar, não só a mim, mas também a todos os leitores deste artigo em vista de uma busca por uma boa morte, e pelo desejo de eternidade. Além do mais, aqui se torna apenas esboço de algo que poderá vir a ser um estudo bastante enriquecedor e profundo para os que desejarem aprofundar mais acerca da morte em Karl Jaspers.

I CAPÍTULO

UMA ÓTICA ANTROPOLÓGICA PARA COM O INDIVÍDUO

Refletir acerca do ser racional é tarefa extremamente valiosa e pertinente à filosofia. Desta maneira, *Karl Jaspers* com a sua filosofia antropológica traz-nos uma visão singular e ao mesmo tempo total do ser humano.

Ora, é mister salientar que o ser está fragmentado. Estamos inseridos em uma sociedade na qual os indivíduos estão, cada vez mais, se fragmentando devido às suas escolhas. Por conseguinte, insere-se na existência do ser – devido suas más escolhas – um vácuo existencial, uma espécie de vazio interior que lhe coloca em uma vida infeliz. De acordo com *Jaspers*, o pressuposto para essa

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

libertação da vida infeliz, consiste no homem alcançar o que é autêntico, autenticidade esta que será o fundamento de suas ações e decisões[1].

O conceito de autenticidade trazido por *Jaspers* trata-se de uma segurança e confiança naquilo que se acredita. *"Para quem não sabe aonde vai, qualquer caminho serve"*[2]. Quando não se tem um norte guiador, e assim, um itinerário bem delineado e sustentado pelo homem, este se perde em seu caminho, adentrando à via da alienação. O filósofo ainda realça alguns exemplos de indivíduos que souberam exercer assertivamente a sua autenticidade existencial.

Por exemplo, *Sócrates*, que sob a luz da razão, perpassou seus caminhos sem cair na indignação, no ódio ou na "certeza de ter razão". Morrera de forma serena, convicto de sua crença. Além do mais, *Jaspers* exemplifica com o sangue dos mártires que não se deixaram vencer pelo medo da morte ou da perseguição, como *Thomas Morus*, mas foram fiéis e autênticos às suas convicções até o último instante de vida[3]. Veremos com maior profundidade acerca da morte no segundo capítulo, mas antes, nos atemos propriamente ao homem que caminha para a morte.

O ser humano é dotado de matéria, junto de sua alma e espírito. O homem está para a natureza, a ela também ele pertence. Diante desta perspectiva, existe também uma história, que é singular à humanidade e história pessoal de cada indivíduo. Nesta história, o homem carrega consigo raízes culturais e familiares, raízes estas às quais jamais alguém lhe tirará, ainda que percorra por muitas

1 JASPERS, Karl. *Iniciação Filosófica*. (Coleção Filosofia e ensaios). Brasileia: Guimarães & C, 1960. p. 52.

2 *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*. Direção: Tim Burton. Produção: Richard D. Zanuck; Joe Roth; Suzanne Todd; Jennifer Todd. [Estados Unidos]: Walt Disney Pictures, 2010. 109 min.

3 JASPERS, Karl. *Iniciação Filosófica*. (Coleção Filosofia e ensaios). Brasileia: Guimarães & C, 1960. p. 52.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

terras, nações e afins. Essas afeições são intrínsecas no ser, à medida em que vai construindo os seus laços existenciais[4].

O homem é enigma. Enigma porque, embora pareça possível conhecermos a totalidade de nosso ser, com o passar da vida, percebemos que ainda que nos compreendamos pelo todo, sempre haverá partes misteriosas, que são veladas até mesmo de nós mesmos. O ser pensante possui virtudes e vícios; bondade e maldade; verdades e mentiras.

"o homem não é anjo, nem besta, (...) mas, participa de ambas essas naturezas".[5]*Jaspers,* ainda elucida a dimensão do homem que é participante da criação, no entanto, é criatura distinta até mesmo dos anjos, pois é criado à imagem e semelhança do Criador. *Jaspers* faz belíssima comparação entre o homem – na natureza – mas diferente da natureza:

> *A natureza é muda. Embora pareça estar expressando algo através de suas formas, suas paisagens, suas tempestades tumultuosas, suas erupções vulcânicas, sua brisa ligeira e seu silêncio – a natureza não responde. Os animais reagem de maneira que tem sentido, mas não falam. Só o homem fala. Só entre os homens existe essa alternância de discurso e resposta continuamente compreendidos. Só o homem, pelo pensamento, tem consciência de si.* [6]

Inserido em um cosmos mudo, o homem se vê parte desta natureza criada. O silêncio ensurdecedor da natureza, ora lhe é benéfico, ora lhe é maléfico. Desta forma, se faz necessário outros seres à sua semelhança, isto é, outros indivíduos

4 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 33.

5 Cf. Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 33.

6 JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 33.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

que lhe favoreçam e lhe possibilitem uma linguagem, uma comunicação.[7] *Jaspers elucida: "somente com seus companheiros de destino ele se transforma em homem, em si mesmo e deixa de estar solitário".*[8]

É fato que o homem precisa de outro homem para subsistir. No entanto, diante das muitas relações, se faz necessário um autoconhecimento do próprio homem, em vista de um melhor relacionar-se com o outro que lhe circunda. Como vimos, a história e a bagagem cultural do ser influência em sua existência, mas seria o suficiente para que ele adquiria tal autoconhecimento?

1.1 O PROCESSO DE AUTOCONHECIMENTO DO INDIVÍDUO

A fim de respondermos o nosso questionamento anterior realçamos que, como já dito, a natureza do homem, sua cultura e suas raízes adquiridas possuem sim certa influência em seu existir. No entanto, essa história pessoal não é o suficiente para lhe definir.[9]

Um dos pontos principais na busca em adquirir um autoconhecimento consiste em observarmos, através da ótica de nossa liberdade, nossas ações – interiores e exteriores -. Aqui atingimos o ápice da consciência de nós mesmos. Mas ainda assim, não temos ciência plena da liberdade presente em nós. Sabemos que ela existe, sabemos que ela está presente em nós, no entanto, nosso conhecimento em relação à liberdade também é limitada. Portanto, novamente,

7 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 34.

8 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 34.

9 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 34.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

temos uma limitação no autoconhecimento do ser humano, isto é, do conhecer a nós mesmos.[10]

O que, de fato, é o homem? O ser racional é *zoon logon echon*; *zoon politikon*; *homo faber*; *homo laborans; homo oeconomicus*... Todas essas atribuições caracterizam o homem. Fazem parte dos ser pensante. No entanto, também são limitadas. Não conseguem aferir o ser humano por inteiro, de forma profunda e total.[11]

Então, a essência do homem, pode ser definida como imutável? Fixa e enraizada? Ora, também é erro limitar e definir o ser nestes conceitos. O contra-argumento para com isto se dá pelo fato de o homem estar em constante mutação. Sua sociabilidade de transforma com o decorrer dos tempos; cada ser nasce em condições temporais diferentes, a cada avanço dos tempos... os seres que nascem hoje não são mais como os seres que nasceram nos anos setenta, por exemplo.[12]

Ainda não atingimos o conhecer o homem como deseja *Jaspers*. Embora o filósofo tenha aferido algumas características, não se tem algo concreto e profundamente essencial para o processo de conhecer o ser. O pensador nos traz um exemplo que pode vir a ser um postulado no procedimento de busca e compreensão de si, embora não seja ainda o fundamental do autoconhecer-se.

Consiste justamente na analogia do homem para com a *imagem*. Somos seres que necessitamos da via empírica para apreendermos e gostarmos da maioria das coisas que nos circunda. Desta forma, ganha notoriedade a imagem. É possível chegar – paulatinamente – ao conhecimento do ser humano através da

10 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 34.

11 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 34.

12 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 34.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

associação às imagens. Os indivíduos em toda a tradição-histórica filosófica buscaram, através de imagens, sejam elas dos sábios, dos santos, das telas, dos teatros, dos livros dentre outros.[13]

À guisa de exemplo, basta observarmos os mestres e os discípulos. Os seguidores, sejam eles de qual área for, possuem em sua consciência – ou inconsciência – certa *imagem* de seu mestre. Algo que este vos falou ficara em suas apreensões. Quando vão realizar algo que remeta à essa memória – que podemos chamar de imagem – vem à tona justamente o contexto do mestre que lhes transmitira tal vivência. Isso influi diretamente no ser do ser. Desta maneira, por influenciar o ser do ser, se volta também na construção de sua existência. Sendo assim, o homem pode buscar o conhecimento de si a partir destas *imagens* e apreensões inseridas no devir de sua subsistência.

Mas, de acordo com *Jaspers*, as imagens – embora influenciem também o ser e a construção de seu ser – não podem possuir a responsabilidade de construção do homem. Elas podem deturpá-lo, a nível de alienação, por exemplo.[14]

Portanto, se faz necessário algo. Este algo consiste justamente na ação sobre si próprio e sobre o mundo. Esta ação do homem em relação ao próprio homem e ao cosmos é o que possibilitará o homem a transcender-se. Desta forma ele conseguirá dominar-se, dominando-se a si mesmo, dominará a sua própria vida e se auto transcende.

1.2 NECESSIDADE DO HOMEM DE ULTRAPASSAR-SE (OU DE TRANSCENDER-SE)

13 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 35.

14 Ao citar isso, como digo nos parágrafos acima, as imagens fazem parte do ser e da humanização do ser. Fazem parte de sua história. Entretanto, neste parágrafo, lendo Jaspers na íntegra, reflito que as imagens assim como podem ser benéficas ao homem, podem também ser maléficas, por isso o exemplo da alienação. Sê há-se imagens deformadoras do ser, não lhe trará benefícios, nem mesmo uma vida feliz, e assim, o seu processo de autoconhecimento tornar-se-á errôneo e mau.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

Desta forma, para Jaspers, uma das maneiras de autoconhecer-se – de maneira consistente e não deturpada – está no homem superar-se a si, de transcender-se, não se atendo necessariamente ao mundo inserido, indo além dele, perpassando pela metafísica.[15]

Essa dimensão de Jaspers para com o ser no imanente do existir, necessitando do transcendente para subsistir, é ponto fundamental e essencial para o nosso segundo capítulo, quando abordaremos acerca das situações-limites, de forma singular, a morte.

Desta forma, se o homem é mutável, Deus não o é. Portanto, aquele que muda com o tempo, precisa caminhar em direção ao que jamais muda, àquele que consiste no Ser Eterno. Cada indivíduo precisa conduzir a sua existência ao imutável, assim poderá ultrapassar-se e encontrar sentido para si.[16]

O processo de conhecer-se a si mesmo começa à medida em que conseguimos olhar-nos além de nós mesmos. Na medida em que o ser imanente se percebe à ótica do ser transcendente é que se inicia o autoconhecimento. Aí então cada camada que já citamos, a história pessoal, a cultura absorvida, as imagens apreendidas, ganharão sentido, sob a perspectiva do Divino e só assim terá sentido.

A partir da reflexão de si e de tudo que está a sua volta, de forma transcendente, o ser racional compreende-se incerto de tantas coisas; começa-se assim a se fundamentar na esperança, lança-se ao escuro, confia no não palpável, vive à

---

15 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 38.

16 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 38.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

medida da fé[17]. Nos diz Jaspers: *"A coragem engendra a esperança. Sem esperança, não há vida. Enquanto há vida, há sempre um mínimo de esperança, que brota da coragem".*[18]

Sendo assim, o homem que vive sem esperança, tem uma vida desesperançosa. Desesperançoso, cai em um marasmo ao deparar-se com o sofrimento e com a dor – que chega para todos, sem distinção ou exclusão -. À medida que essas companheiras abraçam o ser do homem, se este não está fundamentado na via transcendente, perde-se em si mesmo, e vazio, nada ao fundo da areia movediça que lhe puxa sem cessar para o campo de concentração do existir.

Sendo assim, concluímos nosso primeiro capítulo com a conclusão de que é o homem. Apresentamos vários elementos que possibilitam o máximo possível do saber quem ele é. No entanto, nunca saberemos, de fato, aquilo que o é. *"A dignidade do homem reside no fato de ele ser indefinível"*[19]*.* Ainda que tentemos, não conseguiremos fundamentar a pergunta de quem é o ser. Será sempre ser misterioso, pois também fora criado pelo Ser que se faz mistério, que se revela, mas se vela para não se dar de forma total às suas criaturas.

No entanto, é justamente no olhar para este Ser, que o homem inicia o seu processo de autocompreensão de si mesmo, pois sem um olhar esperançoso e confiante, jamais se conhecerá, e mergulhará em uma existência sem fundamentos, perdida e vazia.

II CAPÍTULO

17 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 38.

18 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 38.

19 Cf. Ibid., p.39.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

A MORTE: ÚNICA CERTEZA DA EXISTÊNCIA

A única certeza do ser humano é a de que um dia ele irá morrer. Diz um santo da Igreja: *"Ao nascer, já estamos suficientemente prontos para morrer"*.

Embora essa afirmativa se dê ao homem, em sua subsistência, muitas vezes, ele se esquece de que ela chegará, de que um dia sua vida terrestre terminará, e desta forma, vive em uma existência sem sentido, deturpada e guiadora ao abismo.[20]

Necessário é fazer com que diante desta perspectiva o homem adquira uma transformação de pensamento. Ou seja, se não se pensa na morte como fim último de sua vida, precisa-se ele mudar, passando assim a concebê-la como situação-limite de sua existência, tornando-se uma realidade para nós.[21]

Jaspers elucida ainda que o ato de morrer gera no ser vivente certas angústias. Uma delas trata-se, por exemplo, da agonia. No entanto, agonia e morte não se confundem em seus respectivos conceitos. Àquele que teme a agonia teme um sofrimento físico. *"Todo sofrimento é experimentado por alguém que está vivo".*[22]

Desta maneira, a morte não está na via da experiência, até porque quando ela chega, aquele que vai, não fica para relatar as suas impressões da morte. No entanto, há aquilo que antecede à ela, seja o sofrimento, seja a angústia, seja a agonia, portanto, temos alguns elementos experenciáveis, na via do sentir, que se aproximam à compreensão da morte, embora não seja a morte em si.

---

20 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 92.

21 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 92.

22 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 92.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

> *Todas as concepções acerca do estar morto são desprovidas de base. Do mais-além não há qualquer experiência, nem se recebeu qualquer sinal. Jamais alguém retornou de entre os mortos. Daí recorre a ideia de que estar morto é não ser, de que a morte é o nada*[23].

Talvez a angústia e o receito dos vivos para com a morte se dá nesta perspectiva. Encarar a morte como nada é sempre um desafio gritante para com o ser humano. Fazer da morte um reducionismo de existência, relativizando a vida apenas no plano empírico pode ser prejudicial, fazendo com que a angústia e a agonia em relação à finitude da vida se alastrem no interior do indivíduo, tornando-o infeliz, em uma existência infeliz.

Diante do cenário existencial entre o homem e a morte temos a perspectiva da necessidade de uma vida eterna, uma existência imortal, esta, que só pode acontecer após a existência mortal, a qual estamos inseridos. O homem que constrói seus muitos pilares fundamentados apenas nesta vida perenal, é falível e se depara com a morte que lhe bate à porta. Ainda que conquiste muitos bens e patrimônios, cátedras e posições sociais, nada leva consigo, ao fim de sua vida. Desta maneira, se a sua fé e esperança não estiverem sustentadas e enraizadas, no entardecer da vida, atinge novamente a estaca do sofrer e do se agonizar por não aceitar que deverá morrer também ele.

Quando percebemos que não apenas eu, mas também outros chegarão ao fim desta existência, passamos a conceber que a morte é uma realidade presente e determinante na universalidade dos inúmeros indivíduos existentes. Há-se dois caminhos: o caminho de esperançar em uma vida após morte, isto é, a ressureição e o não acreditar neste itinerário.

Ambos trarão consequências. Àqueles que creem, consequentemente concebem a realidade de um Ser Divino, criador de todas as coisas e de todos os seres, capaz de atribuir vida aos seres inertes, pois é também Ele Senhor da Vida. Quem envereda por este caminho, tem uma vida com maior resiliência quando se

23 JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 92.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

depara com as situações-limites de sua vivência terrestre, caminhará com dores, mas elas serão amenas pela esperança e confiança.

Já àqueles outros que optam por não acreditarem, consequentemente terão as consequências contrárias às relatadas acima. Sofrerá com maior peso; conceberá a morte realmente como fim último, sem a possibilidade de encontrar os que já partiram e encontrar-se a si mesmo em um plano metafísico junto do Criador.

Para Jaspers, a sede do homem em relação à eternidade tem grande sentido. Trata-se de algo, como intrínseco e interno ao ser, algo que é dado por Algum Ser Maior, colocado por Ele, o qual não se é possível tirar. Para o filósofo é campo para a filosofia descobrir o que seja este "algo", procurando, encontrando e sustentando tal aferição.[24]

2.1 O SEGREDO PARA A IMORTALIDADE SEGUNDO JASPERS

Ora, se a morte é algo temível ao ser humano é preciso então que ele descubra o segredo para vencer a morte. Mas como vencê-la se não é possível viver para sempre sem, antes, morrer?

A resposta para este paradoxo, de acordo com Jaspers, é o de aceitar a morte como um acontecimento natural e normal para com a nossa vida. De acordo com nosso filósofo, ao citar *Alemeon*[25], elucida que os indivíduos morrem pelo fato de não fazer uma conexão entre o Alfa e o Ômega. Essa conexão, sê feita, torna o homem imortal.[26]

24 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 93.

25 Médico pitagórico do século VI a.C.

26 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 94.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

Desta maneira, *Alemeon* quer enaltecer a dimensão do tempo presente na vida do homem. Tudo tem um início e um fim, assim também a vida. Embora pareçam conceitos isolados em extremidades diferentes, eles estão em profunda consonância, pois o início está para o fim e o fim está, novamente, para o início. A outro exemplo nos é dado *Nietzsche*, o qual fala do *Eterno Retorno*. Nesta perspectiva, alcança-se a imortalidade do ser, pois à medida em que vai chegando ao fim, na rotatividade do *devir*, se alcança o começo.[27]

Diante disso, a vida é comparada às estações do ano ou ao calendário civil. O tempo é absoluto. Tudo passa, mas se repassa, se recomeça, o fim chega, mas reinicia, tendo novamente que alcançar a finitude. Assim também é a vida.[28]

Para Jaspers, há-se então o *tempo linear* e o *tempo cíclico*. Ambos influenciam a vida do indivíduo sob formas diferentes. Acontece que no *tempo cíclico* acontece o que se repete de maneira infinita, é temporal. Enquanto o *tempo linear* o que é eterno é resolvido no tempo, sendo este ultrapassado. Há um jogo: o retorno temporal e a realidade intemporal[29].

Na dimensão da temporalidade cíclica, portanto, o tempo é absoluto. No entanto, se faz necessário que nos atenhamos à dimensão linear a fim de que concebamos e compreendamos para além do tempo. Aqui está a grande questão e a chave de compreensão para com a dimensão da imortalidade: não se pode fixar unicamente na existência temporal, pois ela passará. É preciso avançar, ir além deste tempo presente, compreendendo que com a finitude deste, haverá um outro tempo infinito linear.

2.2 TEMPORALIDADE, AUSÊNCIA DE TEMPO E ETERNIDADE

27 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 94.

28 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 94.

29 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 94.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

Embora esses conceitos se complementem um ao outro são distintos e precisam ser compreendidos.

A *temporalidade* consiste é o movimento vivencial ao qual cada um de nós estamos inseridos. Ela não tem começo, meio e fim; nela não existe fundamento; nada a origina; ela não possui um propósito em si. Cada indivíduo se faz presente na temporalidade, nela nos movemos e agimos.[30]

Já a *ausência de tempo* é aquilo que independe de qualquer espécie de tempo. Por exemplo, o *Teorema de Pitágoras*. Este era válido antes mesmo de ser descoberto (em tempo determinado), continuou válido e continuará validado nos tempos subsequentes. Ele independe do tempo para existir. O sentido do teorema e o teorema em si é atemporal.[31]

Por fim, a eternidade consiste na unicidade resultante entre o temporal e o atemporal. É a realidade eterna que atravessa a temporalidade, que atravessa a ausência do tempo, e se dá como presente ao ser. Para compreender essa realidade, somente através da existência é que se consegue. Para os lógicos e empiristas, isso é absurdo.[32]

2.3 NECESSIDADE DE CAMINHAR NA TEMPORALIDADE EM DIREÇÃO À ETERNIDADE

30 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 95.

31 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 95.

32 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 95.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

É preciso que o ser vivente racional tome consciência interior acerca da morte. Se já a compreende como algo factual no devir de sua vida, potencialize essa compreensão, refletindo sobre a morte, sobre a eternidade. Se não o tem, tem a liberdade de escolha em permanecer em seu estado incrédulo, mas sofrerá drásticas consequências em seu interior.

Por isso, a vida presente ou se dá permissão em conceber a eternidade como futuro ou é fútil, passageira e supérflua.[33]

> *Somos mortais enquanto simples existentes, e imortais quando aparecemos no tempo como o que é eterno. Somos mortais no desamor, imortais no amor. Somos mortais na indecisão, imortais na decisão. Somos mortais enquanto natureza, imortais quando dados a nós mesmos em nossa liberdade.*[34]

Achei importante manter a reflexão da citação acima de forma na íntegra. O homem pode ser imortal ou mortal nas mais diversas circunstâncias. Ora uma, ora outra. Mas sempre poderemos decidir em relação à liberdade presente em nós, decidir pela imortalidade ou pela mortalidade.

Assim é também para com a morte. Cada ser pode escolher viver segundo a eternidade ou não. Entretanto, os que optam por não acreditar na eternidade por "falta de dados objetivos, *a priori*, concretos; a estes, é possível conceder-lhes uma concretude para que deixem de desacreditar"?

A filosofia caminha juntamente com a veracidade das coisas. Nem sempre a filosofia poderá apresentar respostas a tudo, de forma concreta, no entanto, ela pode oferecer meios de reflexão para se ponderar acerca de tudo. Assim também para com a imortalidade.

---

33 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 96.

34 JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 96.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

Sendo assim, conceber a imortalidade só se é possível associando-a à nossa existência[35]. Quatro reflexões podem guiar o indivíduo na reflexão da eternidade.

A primeira consiste no ser em refletir que embora viva, morrerá. Dois extremos nesse sentido podem se tornar prejudiciais. Os que ignoram a morte por inteiro e vivem como se ela jamais chegasse; bem como os que vivem pensando nela de maneira exacerbada, esquecendo-se assim de viver.[36]

A segunda é a de que os dados empíricos, a ciência, nem sempre trarão todas as respostas. A razão é de suma importância, no entanto, o ser humano também necessita de fé, pois é ser espiritual. A resposta para essa premissa se dá ao ponderarmos, se todo homem há de morrer, e temos homens doutos existentes, estes também haverão de passar pela morte. Os sábios também morreram, não? Sócrates, Platão, Aristóteles... portanto, a morte retira de nós todo conhecimento apreendido durante toda a temporalidade. Mas a reflexão e o conhecimento da morte, óbvio, antes da morte, tornará o homem melhor, e ele viverá preparando-se para o dia de sua morte.[37]

Por isso, como terceira reflexão, temos a dimensão de uma serenidade adquirida para se viver em relação à morte. Como vimos na primeira, um temor exacerbado ou um ignorar a finitude da vida terrestre é prejudicial, é necessário o justo equilíbrio.[38]

35 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 96.

36 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 96.

37 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 97.

38 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 97.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

Por fim, como quarta reflexão, há o homem. Cada indivíduo possui momentos bons e ruins na sua existência. Ora depressivos, ora de ânimo. Embora esses estados de ânimos sejam normais e costumeiros, eles também constituem o ser do ser. Mas é preciso encarar a morte como não autêntica, isto é, compreendê-la não como fim, mas como meio. Isso retira o homem do vazio e do desespero frente à sua mortalidade. O alcance da tranquilidade face à morte se dá na medida em que o homem compreende que a morte é geradora de vida, por mais paradoxal que pareça; conscientizar-se disso, é ter serenidade de que a morte não é privação, mas portal para a eternidade.[39]

Concluindo, é perceptível a relevância e necessidade de o indivíduo vivente ponderar acerca de sua imortalidade. Não é tarefa fácil e a via racional não trará todas as respostas para tal ponderação. No entanto, somente a partir desta ótica, o homem conseguirá atingir uma existência menos dramática e árdua, sabendo de sua finitude, caminhará em direção à infinitude, compreendendo-se como ser mortal, mas imortal pois com a morte ganha também vida.

CONCLUSÃO

Falar da morte é sempre reflexão profunda e densa. Exige esforço de quem escreve e de quem o lê. No entanto, não é por ser denso que não seja conteúdo pertinente a nós, pelo contrário, por sermos seres em vida, esta um dia chegará ao seu fim, portanto, a morte é conteúdo que se dá para todos como chave de reflexão.

Como a ciência não consegue explicar tudo, cabe a nós elaborarmos a maior reflexão lógica e assertiva acerca da finitude da vida. É tarefa da filosofia apresentar tal via de reflexão, e ela o faz. Embora ela nos dê, é preciso que a nossa liberdade interior escolha por aderir a tais ponderações ou não.

39 Cf. JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 97.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3727

Na medida em que escolhemos aferir essas reflexões existenciais, potencializamos a totalidade de nosso ser no tempo, de forma que vivemos com base em uma esperança na existência futura, isto é, a eternidade.

À medida que optamos por atingir se viver em vista do Eterno a morte deixa de ser algo desesperançoso e sem sentido, mas se torna amiga do homem que a acolhe, e concede-lhe esperanças por uma vida que não se limita, que não acaba, que lhe dá a imortalidade.

Por fim, concluímos que este presente projeto desejou apontar caminhos reflexivos, em Karl Jaspers, para que nós, meros mortais, não nos prendamos à vida de maneira exacerbada, mas também que não tenhamos a morte como inimiga.

Encerramos, assim, nossas considerações finais sugerindo um aprofundamento ainda maior acerca da morte e citando um grande homem histórico, *Francisco de Assis: "(...) Pois é morrendo que se vive para a vida eterna".*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JASPERS, Karl. *Iniciação Filosófica*. (Coleção Filosofia e ensaios). Brasileia: Guimarães & C, 1960.

JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leonidas H; Octanny S. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1965.

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS. Direção: Tim Burton. Produção: Richard D. Zanuck; Joe Roth; Suzanne Todd; Jennifer Todd. [Estados Unidos]: Walt Disney Pictures, 2010. 109 min.